

AS CRÍTICAS DE WITTGENSTEIN À VISÃO AGOSTINIANA DA LINGUAGEM

Leonardo Cavalcante da Silva¹

O objetivo deste artigo é explicar detalhadamente as críticas de Wittgenstein à visão Agostiniana da linguagem, encontradas em sua obra *Investigações Filosóficas*. Para tal, no primeiro momento, irei esboçar em linhas gerais as principais características da visão agostiniana da linguagem. No segundo momento, detalharei as críticas à visão agostiniana da linguagem. No momento posterior, apresentarei a noção de Jogos de linguagem. Por fim, irei considerar como as críticas de Wittgenstein à visão agostiniana da linguagem o conduziram a uma nova compreensão do processo de significação da linguagem.

Palavras-chaves:

Visão agostiniana da linguagem;
Processo de significação;
Jogos de linguagem.

1. Introdução

O pensamento de Wittgenstein é geralmente dividido em duas fases relativamente acabadas. Na primeira fase, ele defendeu uma concepção essencialista da linguagem no *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921). Já, na segunda fase, apresentou uma crítica a essa concepção nas *Investigações Filosóficas* (1953).

No primeiro parágrafo das *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein cita uma longa passagem das *Confissões* de Santo Agostinho. A partir desse trecho, ele critica o que ficou conhecido como *visão agostiniana da linguagem* ou imagem agostiniana da linguagem. Todavia, as críticas do filósofo austríaco não são

direcionadas ao pensamento de Santo Agostinho, mas sim ao paradigma essencialista que subjaz às teorias da linguagem, desde a filosofia grega até a filosofia contemporânea. De acordo com esse paradigma, a linguagem é concebida, essencialmente, apenas como designativa e declarativa.

Desse modo, conforme essa imagem, Wittgenstein critica a concepção segundo a qual as palavras da linguagem somente denominam objetos e as frases são ligações de tais denominações. Para tal, ele considera que há outras formas de comunicação e que, portanto, a linguagem não se resume em designação. Essas formas de comunicação funcionam como jogos de linguagem, nos quais os

¹ Bolsista CETREINA de iniciação Científica na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduando em Filosofia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) – leonardo.filosofia@yahoo.com

significados das palavras estão relacionados aos diferentes usos contextuais, exprimindo uma forma de vida.

Nesse sentido, o presente artigo está dividido da seguinte maneira: no primeiro momento, a visão agostiniana da linguagem será apresentada em geral; no momento posterior, as críticas de Wittgenstein a tal imagem serão detalhadas; Por fim, apresentarei a importância da noção de jogos de linguagem para a determinação do significado.

2. A visão agostiniana da linguagem

Wittgenstein inicia a sua obra póstuma *Investigações Filosóficas* com uma longa citação das *Confissões* de Santo Agostinho:

“Se os adultos nomeassem algum objeto e, ao fazê-lo, se voltassem para ele, eu percebia isto e compreendia que o objeto fora designado pelos sons que eles pronunciavam, pois eles queriam indicá-lo. Mas deduzi isto dos seus gestos, a linguagem natural de todos os povos, e da linguagem que, por meio da mímica e dos jogos com os olhos, por meio dos movimentos dos membros e do som da voz, indica as sensações da alma, quando esta deseja algo, ou se detém, ou recusa ou foge. Assim, aprendi pouco a pouco a compreender quais coisas eram designadas pelas palavras que eu ouvia pronunciar repetidamente nos seus lugares determinados em frases diferentes. E quando habituara minha boca a esses signos, dava expressão aos meus desejos.” (AGOSTINHO, *Confissões*, I, 8).

Essa passagem, a partir de Wittgenstein, ficou conhecida na história da filosofia como *visão agostiniana da linguagem* ou imagem agostiniana da linguagem ou, ainda, “concepção agostiniana da linguagem” (*Investigações Filosóficas*, §4). De modo geral, segundo essa imagem, a função da linguagem se reduz à denominação de objetos; isto é, a finalidade *exclusiva* da linguagem é referenciar objetos. Wittgenstein, então, extrai daí outras conclusões que serão alvos da sua crítica, a saber: (1) as palavras da linguagem denominam objetos; (2) as frases são ligações de tais denominações; (3) cada palavra tem uma significação; (4) o

significado da palavra é o objeto que ela substitui; (5) as palavras e seus significados são conectados pela definição ostensiva. Sendo assim, a base fundamental da visão agostiniana da linguagem consiste em cada palavra possuir um significado e cada significado corresponder a um objeto. Ainda no primeiro parágrafo das *Investigações Filosóficas*:

“Nessas palavras temos, assim me parece, uma determinada imagem da essência da linguagem humana. A saber, esta: as palavras da linguagem denominam objetos – frases são ligações de tais denominações. – Nesta imagem da linguagem encontramos as raízes da ideia: cada palavra tem uma significação. Esta significação é agregada à palavra. É o objeto que a palavra substitui.” (WITTGENSTEIN, *Investigações Filosóficas*, §1).

Como já foi dito, essa imagem essencialista da linguagem se tornou o ponto de partida paradigmático para toda teoria acerca da linguagem ao longo da história da filosofia, inclusive do próprio “autor do *Tractatus Logico-Philosophicus*”. Nesta obra, Wittgenstein sustentou a mesma concepção de linguagem apresentada na imagem agostiniana:

“3.202: Os sinais simples empregados na proposição chamam-se nomes.

3.203: O nome significa o objeto. O objeto é seu significado. (“A” é o mesmo sinal que “A”).

3.22: O nome substitui, na proposição, o objeto.

3.221: Os objetos, só posso nomeá-los...”

(WITTGENSTEIN, *Tractatus Logico-Philosophicus*).

De certo, filósofos contemporâneos como Gottlob Frege e Bertrand Russell, além de Wittgenstein, defenderam a correspondência entre significado e objeto para fundamentar suas teses centrais da semântica lógica. Diante disso, Wittgenstein advogou, ontologicamente, pelo atomismo lógico, no qual, ao fim da análise de uma proposição – que representa (figura) um fato no mundo -, haverá objetos simples (átomos), que são substituídos por nomes logicamente simples na proposição.

Na passagem das *Confissões* citada acima, Santo Agostinho descreve uma imagem referente ao seu tempo de criança, em que por meio dos gestos e dos sons das

palavras produzidos pelos adultos, ele compreendia o processo de designação dos objetos. Para o bispo de Hipona, o significado de uma palavra está diretamente relacionado ao objeto, uma vez que cada palavra possui uma referência. Isto posto, Santo Agostinho considera que uma criança em processo de aprendizagem da linguagem necessita de gestos indicativos que liguem os nomes às coisas, ou seja, uma criança adquire o significado das palavras através de *apontamentos* unívocos que referenciam (designam) os objetos. Esses apontamentos são conhecidos como ostensão, que é o ato gestual de apontar para um objeto, “rotulando-o com uma etiqueta”. Além disso, para o filósofo medieval, a relação de significação entre a palavra e o objeto é também estabelecida interiormente por um ato mental de definição ostensiva.

3. As críticas à visão agostiniana da linguagem

A teoria da linguagem desenvolvida por Santo Agostinho não se encontra em suas *Confissões*, que é, de fato, uma obra autobiográfica. Na verdade, encontra-se em sua obra *De Magistro*, em que trata do tema de maneira mais específica e detalhada, apresentando uma concepção de linguagem muito mais ampla do que a concepção expressa pela passagem citada por Wittgenstein. Todavia, não faz parte do escopo deste artigo apresentar o desenvolvimento do pensamento de Santo Agostinho concernente à linguagem.

Com base nessa passagem autobiográfica de Santo Agostinho que inaugura as *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein estabelece uma série de críticas à *visão agostiniana da linguagem*. Entretanto, essas críticas não são direcionadas propriamente ao pensamento do filósofo e teólogo medieval, mas sim a uma determinada imagem a respeito da essência da linguagem humana, que subjaz as teorias da linguagem, desde a filosofia grega até a filosofia contemporânea. Diversos filósofos e comentadores da obra de Wittgenstein legitimam essa apreciação:

“Isso sugere que Wittgenstein considerava a visão agostiniana, não como uma teoria completa da linguagem, mas antes como um paradigma prototeórico ou ‘visão’, que merece atenção crítica pelo fato de estar tacitamente subjacente a teorias filosóficas sofisticadas.” (GLOCK, *Dicionário Wittgenstein*, 370).

“A imagem agostiniana seria particularmente nociva porque várias teorias sofisticadas enraizaram-se nela, que traduz assim uma doença do entendimento ‘seduzido’ por essa imagem...” (CHAUVIRÉ, *Wittgenstein*, 142).

Nessa citação inaugural das *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein extrai do relato de Santo Agostinho o seguinte: as palavras da linguagem denominam objetos e as frases são ligações de nomes. Desse modo, a linguagem se reduz à função designativa. No segundo parágrafo, o filósofo austríaco descreve um possível diálogo entre um construtor A e um ajudante B. Para tal diálogo, ambos se utilizam das palavras “cubos”, “colunas”, “lajotas”, “vigas”. Quando, por exemplo, o construtor A grita “lajota”, o ajudante B a leva ao construtor A. Wittgenstein então questiona se em casos como esse, a função referencial está operando. Dito de outro modo, no momento em que o construtor A ordenou “lajota!” sua intenção era fazer com que o ajudante B *representasse* em sua mente a imagem da lajota ou não? Wittgenstein responde que sim, já que essa *pode* ser a finalidade. Contudo, ao pronunciar “lajota!”, o construtor também *pode* intentar o seguinte: “traga-me uma lajota!”. Nesse caso, não há a necessidade da função representativa operar sobre a palavra, visto que o que “está por trás” da palavra “lajota” é uma ação. Sendo assim, Wittgenstein considera que o erro das teorias que concebem a representação de objetos como função essencial da linguagem consiste em desconsiderar outras *formas de comunicação*, generalizando a função designativa por tomá-la como mais fundamental.

Sem desconsiderar que a linguagem *também* funcione como representação – ainda que não se reduza a isso -, ele faz alusão a um jogo:

“É como se alguém explicasse: “jogar consiste em empurrar coisas, segundo certas regras, numa superfície...” – e nós lhe respondêssemos: “Você parece pensar nos jogos de tabuleiros, mas *nem todos* os jogos são assim. Você pode retificar sua explicação, *limitando-a* expressamente a esses jogos.” (WITTGENSTEIN, *Investigações Filosóficas*, §3). (Grifo nosso).

Quer dizer, nesse caso, a descrição de “jogo” é incompleta, visto que se restringe a falar de jogos de tabuleiros, não obstante a existência de outras *formas de jogo*: futebol, jogos de azar, jogos de cartas e etc. O mesmo ocorre com relação à linguagem, já que numa forma de comunicação representacional, a função designativa e descritiva se limita a uma determinada forma de linguagem, mas numa outra forma, a função designativa se torna dispensável (vide o exemplo da “lajota”). Desse modo, a função referencial perde o *status* universal, porque a linguagem não se limita à articulação de nomes de objetos e, portanto, a nomeação não é o fator originário e fundamental no processo de significação.

Nas *Confissões*, Santo Agostinho descreve o seu processo de aquisição da linguagem, quando era criança. Nesse processo, a ostensão desempenha um papel fundamental. Wittgenstein não nega a importância da ostensão no ensino da linguagem. Contudo, o ensino da linguagem não é uma explicação acerca do significado das palavras, mas é apenas um treinamento.

“Tais formas primitivas da linguagem emprega a criança, quando aprende a falar. O ensino da linguagem não é aqui nenhuma explicação, mas sim um treinamento.” (WITTGENSTEIN, *Investigações Filosóficas*, §5).

Certamente, ensina-se a uma criança o significado de uma palavra, pronunciando “Isto é N” e apontando para o respectivo objeto. Para que fique mais claro, ensina-se a uma criança o que é uma cadeira, proferindo “Isto é uma cadeira” e apontando para um exemplar de cadeira. Mas, como significar a palavra “isto”? Como apontar para o objeto que signifique a palavra “isto”? Pode o significado da palavra “isto” ser ensinado ostensivamente? Esse é o cerne do questionamento de Wittgenstein. Para ele, a

aquisição do significado do indexical “isto” se dá através do *uso* e não por meio de um gesto designativo (ostensão) conjugado a um proferimento que referencie um objeto.

“Também “ali” e “isto” são ensinados ostensivamente? – imagine como se poderia ensinar seu uso! Serão mostrados então lugares e coisas, - mas aqui esse mostrar acontece na verdade também no *uso* das palavras e não apenas no aprender do uso.” (WITTGENSTEIN, *Investigações Filosóficas*, §9).

Mais uma vez, Wittgenstein está questionando o *status* universal da visão agostiniana da linguagem. Ele não nega a relevância da ostensão no processo de aquisição da linguagem. No entanto, nega que o processo ostensivo seja considerado um padrão universal de significação, visto que nem todas as palavras funcionam como nome.

O equívoco de se generalizar o processo ostensivo de aquisição da linguagem como o processo de significação das palavras em geral consiste na confusão entre *ensino ostensivo* e *definição ostensiva*.

“Uma parte importante desse treinamento consistirá no fato de que quem ensina mostra os objetos, chama a atenção da criança para eles, pronunciando então uma palavra, por exemplo, a palavra “lajota”, exibindo essa forma. (Não quero chamar isto de “elucidação ostensiva” ou “definição”, pois na verdade a criança ainda não pode *perguntar* sobre a denominação. Quero chamar de “ensino ostensivo das palavras”. – Digo que formará uma parte importante do treinamento, porque isso ocorre entre os homens; e não porque não se poderia representar de outro modo.)” (WITTGENSTEIN, *Investigações Filosóficas*, §6).

Como já foi dito, o apontar para um objeto faz parte do treinamento de uma criança no processo de aquisição da linguagem, estabelecendo uma associação entre a palavra e o objeto. Todavia, não se pode estabelecer uma regra geral de significação a partir do ensino ostensivo, confundindo assim ensino ostensivo com definição ostensiva.

Uma outra crítica que Wittgenstein apresenta com relação à visão agostiniana da linguagem diz respeito ao *mentalismo*. De modo geral, toda teoria que postula processos mentais para descrever o funcionamento da linguagem e sua conexão com a realidade é categorizada como mentalista. A passagem das *Confissões* de Santo de Agostinho citada por Wittgenstein ilustra a concepção mentalista do significado; isto é, a relação entre a palavra e o objeto é estabelecida interiormente por um ato mental de definição ostensiva. Ademais, de acordo com a visão agostiniana da linguagem, os conteúdos mentais descrevem a vida interior, dando expressão aos desejos do sujeito. Wittgenstein critica essa concepção mentalista por considerar que o que possibilita a significação é a forma de vida, devido ao compartilhamento público determinado por um contexto de uso.

“Pode-se representar facilmente uma linguagem que consiste apenas de comandos e informações durante uma batalha. – Ou uma linguagem que consiste apenas de perguntas e de uma expressão de afirmação e de negação. E muitas outras. – E representar uma linguagem significa representar-se uma forma de vida.” (WITTGENSTEIN, *Investigações Filosóficas*, §19).

Assim, o vínculo entre nome e nomeado se torna possível não pela representação do objeto na mente da criança, mas somente pela aquisição do uso contextual de uma determinada palavra por meio de um treinamento de uma determinada atividade.

Em suma, a partir dessas críticas, em que Wittgenstein apresentou contra-exemplos que demonstram que a visão agostiniana da linguagem não se aplica a todas as situações linguísticas, abalando justificações essencialistas da linguagem, ele foi construindo a noção de *jogos de linguagem*.

4. Jogos de linguagem

Com o exemplo da “lajota”, Wittgenstein exprime a possibilidade de se usar essa expressão tanto para representar quanto para ordenar, evidenciando que no

funcionamento da linguagem pode haver diferentes finalidades. Cada finalidade expressa um jogo de linguagem, que é determinado por um contexto de uso.

“Podemos também imaginar que todo o processo de uso das palavras em (2) é um daqueles jogos por meio dos quais as crianças aprendem sua língua materna. Chamarei esses jogos de “*jogos de linguagem*”, e falarei muitas vezes de uma linguagem primitiva como de um jogo de linguagem.

E poder-se-iam chamar também de jogos de linguagem os processos de denominação das pedras e da repetição da palavra pronunciada. Pense os vários usos das palavras ao se brincar de roda.

Chamarei também de “jogos de linguagem” o conjunto da linguagem e das atividades com as quais está interligada.” (WITTGENSTEIN, *Investigações Filosóficas*, §7).

Assim sendo, a expressão “lajota” não possui um significado rígido *a priori*, e analogamente a um jogo de xadrez, em que inúmeros lances são permitidos, na linguagem, as palavras podem ser utilizadas de diferentes modos, sendo determinadas semanticamente pelo contexto de uso. Em outras palavras, há diversas formas de uso da linguagem além de nomear um objeto, que é apenas um jogo entre os jogos de linguagem.

Para Wittgenstein, as *regras gramaticais* fornecem a estrutura dos jogos de linguagem, permitindo analisar quais proposições possuem sentido. Com regras internas bem estabelecidas, um jogo de linguagem é um sistema fechado em si mesmo com sentido pleno em si mesmo e também com finalidade em si mesmo.

Desse modo, torna-se evidente a diferença entre a concepção de linguagem apresentada por Wittgenstein nas *Investigações Filosóficas* e a apresentada por Santo Agostinho nas *Confissões*. Enquanto para este, a relação de significação entre nome e objeto se dá *a priori* através da mente, para aquele, não; visto que, é a regra (norma) que estabelece essa relação - dependendo de cada jogo de linguagem -, sem recorrer a explicações que envolvam a mente.

5. Considerações Finais

Inicialmente, Wittgenstein apresenta a visão agostiniana da linguagem. Aos poucos, através de contra-exemplos, ele desconstrói o caráter essencialista e universal da concepção de linguagem como representação, em que o sentido é determinado, rigidamente, *a priori* na mente. Com essa desconstrução, o processo de significação da linguagem passa a ser compreendido por meio do uso e não mais por rotular objetos com etiquetas. A partir disso, surge a noção de jogos de linguagem, em que o sentido é determinado pelo contexto de uso, expressando uma forma de vida.

6. Referências Bibliográficas

AGOSTINHO, Santo. *Confissões; De Magistro*. Tradução de J. Oliveira Santos, A. Ambrósio de Pina e A. Ricci. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ANSCOMBE, G. E. M., *An Introduction to Wittgenstein's Tractatus*, London: Hutchinson, 1959.

BLACK, Max, *A Companion to Wittgenstein's Tractatus*, Ithaca: Cornell University Press, 1967.

CHAUVIRÉ, Christiane. *Wittgenstein* – Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1989.

DIAMOND, C., *The Realistic Spirit*, Cambridge: MIT Press, 1991.

HACKER, P. M. S., 1972, *Insight and Illusion: Themes in the Philosophy of Wittgenstein*, Oxford: Clarendon Press; 2nd revised edition, 1986.

GLOCK, Hans-johann. *Dicionário Wittgenstein*. Tradução: Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____ and John Hyman (eds.), *A Companion to Wittgenstein*, Hoboken, N. J.: Wiley, 2017.

MALCOLM, N., *Ludwig Wittgenstein: A Memoir*, Oxford: Oxford University Press, 1958.

McGUINNESS, B., *Wittgenstein, a Life: Young Wittgenstein (1889-1929)*, Pelican, 1988.

SLUGA, Hans D., and David G. Stern (eds.), *The Cambridge Companion to Wittgenstein*, Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

STERN, David. Wittgenstein. *Philosophical Investigations: An Introduction*, Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

_____. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 3ª edição, 2010.